

CIGANOS EM PORTUGAL, ESPANHA E BRASIL

**analisando contextos,
demandas e processos
identitários**

ORGANIZAÇÃO
OLGA MAGANO
MARIA MANUELA MENDES

CIGANOS EM PORTUGAL, ESPANHA E BRASIL: ANALISANDO CONTEXTOS, DEMANDAS E PROCESSOS IDENTITÁRIOS

2020

Organização

Olga Magano

Maria Manuela Mendes

cies _iscte
Centro de Investigação
e Estudos de Sociologia

iscte
INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

**CIGANOS EM PORTUGAL, ESPANHA E BRASIL:
ANALISANDO CONTEXTOS, DEMANDAS E PROCESSOS IDENTITÁRIOS**

Olga Magano e Maria Manuela Mendes (orgs.)

Novembro, 2020

ISBN: 978-972-8048-52-5

DOI: 10.15847/CIES2020CIGANOSPTEBR

Composição em caracteres Oswald e Times New Roman

Conceção gráfica e composição: Sofia Rocha

Os dados e as opiniões que se encontram na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/as autores/as.

© Olga Magano e Maria Manuela Mendes (orgs.)

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.



Capítulo 6.

Literacia digital das pessoas ciganas de Reguengos de Monsaraz

CARLOS MEDINAS ¹

Doutorando em Relações Interculturais, Universidade Aberta

Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz

cb.medinas@gmail.com

OLGA MAGANO

Professora Universidade Aberta e Investigadora do Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-Iscte),

Instituto Universitário de Lisboa

olgamagano@gmail.com

Resumo: Através de um estudo desenvolvido em Reguengos de Monsaraz procurou-se conhecer de que forma é que as pessoas ciganas acedem e manuseiam recursos tecnológicos e de informação, essenciais para a vida quotidiana nas sociedades contemporâneas.

Com esse objetivo foi aplicado um inquérito por questionário a pessoas ciganas residentes em Reguengos de Monsaraz cujos resultados revelam que 75% dos inquiridos abandonaram a escola e 38% não sabem ler, ou seja, é revelado um quadro de analfabetismo, abandono escolar e iliteracia, que são os principais constrangimentos para exercer a literacia digital. Apesar de as pessoas ciganas já terem contactado com alguma forma de tecnologia há dificuldades em aceder a computadores e a Internet: por um lado, são poucas as pessoas que dispõem destes serviços e equipamentos em casa e, por outro lado, não têm competências suficientes para um uso autónomo. Muitos ciganos reguenguenses acedem a equipamentos e à Internet nos espaços municipais, no entanto, responsáveis destes espaços salientam as dificuldades de leitura e escrita, sendo necessário um apoio personalizado. Ou seja, verifica-se que a situação de pobreza e exclusão em que esta população se encontra provoca um outro tipo de exclusão, que é a infoexclusão e a iliteracia traduzida também em iliteracia digital.

Palavras chave: Ciganos; Literacia Digital; Internet; Exclusão; Inclusão; Fratura digital

¹ Mestre em Relações Interculturais pela Universidade Aberta e doutorando em Relações Interculturais. Elaborou a dissertação de mestrado “Ciganos e literacia digital: o caso de Reguengos de Monsaraz”. É técnico superior na Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.

Abstract: Through a study developed in Reguengos de Monsaraz, it was sought know how Ciganos access technological and information resources and how to handle them, which are essential for daily life in contemporary societies.

A questionnaire survey was applied to Ciganos in this municipality whose results reveal that 75% of respondents left school and 38% do not know how to read, that is, they reveal a situation of illiteracy, school dropout and illiteracy, which are the main constraints for digital literacy. Although Ciganos have already had contact with some form of technology, there are difficulties in accessing computers and the Internet: on the one hand, a few people have these services and equipment at home and, on the other hand, they do not have enough skills to autonomous use. Many Ciganos have access to equipment and the Internet in the municipal spaces, however, those responsible for these spaces point the difficulties of reading and writing, requiring personalized support. In other words, it appears that the situation of poverty and exclusion in which this population finds itself causes another type of exclusion, which is info-exclusion and illiteracy translates also into digital illiteracy.

Keywords: Ciganos/Roma; Digital Literacy; Internet; Exclusion; Inclusion; Digital fracture

Introdução

A bibliografia em Portugal revela que as pessoas Ciganas são, de um modo geral, pouco escolarizadas, havendo ainda altas taxas de analfabetismo e dificuldades de cumprir a escolaridade obrigatória. Numa sociedade em que predomina a tecnologia e a informação digital interessamos verificar como é que as pessoas ciganas se posicionam e interagem com estas tecnologias na sua vida quotidiana. Assim, este artigo tem por objetivo refletir em torno do conhecimento sobre a literacia digital e não digital das pessoas ciganas de Reguengos de Monsaraz e a forma como se relacionam com a sociedade tecnológica e digital². Para a realização desta investigação recorreu-se a uma combinação de metodologia quantitativa (inquérito por questionário aplicado a pessoas ciganas residentes no concelho) e qualitativa (entrevistas a alguns interlocutores privilegiados) em que se delimitaram algumas dimensões de modo a traçar os perfis sociodemográficos, o tipo de acesso a equipamentos tecnológicos, informáticos e internet e também quanto ao conhecimento de manuseamento desses instrumentos.

² Este artigo tem por base a dissertação de mestrado em Relações Interculturais de Carlos Boto Medinas, “Ciganos e Literacia Digital: estudo de caso em Reguengos de Monsaraz”, Universidade Aberta.

1. O mundo em mudança e a sociedade informacional fraturante

A informática, a par com os desenvolvimentos tecnológicos nas telecomunicações, o nascimento da internet e a World Web Wide, são denominadas por novas tecnologias, que provocam uma mudança radical originando, de acordo com Castells, (1999) a sociedade informacional. O autor salienta que no modo de desenvolvimento industrial a fonte de produtividade residia nas fontes de energia, mas para o atual modo informacional é a geração de conhecimento e processamento de informação o principal motor de desenvolvimento. As duas últimas décadas do século XX pautam-se pela crescente utilização da World Wide Web no trabalho e no lazer, ocupando cada vez mais espaço das esferas de vida dos cidadãos.

Com as sociedades informacionais (Castells, 1999), do conhecimento ou da sociedade em rede, a fonte principal de produtividade é a tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. Nesta sociedade os conhecimentos das pessoas literadas, com escolaridade, não são suficientes. É uma nova sociedade onde, para além de se saber ler e escrever, é necessário saber utilizar novas tecnologias digitais, ou seja, é necessário saber utilizar computadores.

Esta nova sociedade baseada no processamento da informação depara-se com a necessidade de aceder a computadores e de saber utilizá-los, o que causa uma enorme fratura nas sociedades humanas, atendendo a que uma parte significativa da população mundial ainda se encontra afastada desta realidade. De acordo com Sanou (2016), é sobretudo em áreas do hemisfério norte que o acesso à internet é praticamente generalizado, enquanto os territórios do hemisfério sul, exceto a Austrália, são territórios com baixos índices de utilização da internet. Constatase que nos países desenvolvidos a internet tem uma penetração de utilização de 81%, descendo para os 40% nos países em desenvolvimento e 15% nos países mais pobres, sendo que é possível concluir que, a nível mundial, mais de metade da população não utiliza a internet, de acordo com o relatório da União Internacional de Telecomunicações (Sanou, 2016). Assim, é possível verificar diferentes velocidades a que o mundo vai evoluindo revelando diferenças abissais entre os mais ricos e poderosos e os menos favorecidos e que se traduzem no acesso e uso de acesso a informação e tecnologias digitais. Esta diferença no acesso às tecnologias de informação é notória entre os hemisférios norte e sul, entre países, também no interior dos países nas diversas regiões e ainda entre os diversos grupos sociais constituintes das sociedades. Em Portugal, de acordo com a ANACOM (Autoridade Nacional de Comunicações), os grupos sociais que menos acedem à internet são: os mais idosos, os menos escolarizados, desempregados e reformados, os mais pobres e desprotegidos (ANACOM, 2016). Para Castells (1999), os que não acedem ou têm dificuldades no acesso à internet são arredados do acesso à informação, e

constituem os infoexcluídos. A infoexclusão é uma “fratura aberta entre pessoas, empresas, instituições, regiões e sociedades, que detêm todas as condições materiais e culturais para se movimentarem corretamente no mundo digital e os que não possuem essas condições ou não querem adaptar-se, à mudança para a nova organização social baseada nas tecnologias de informação” (Castells, 2007, p. 312). Os grupos sociais referidos por Castells (1999) utilizam menos ou não utilizam de todo a internet, o que configura situações de infoexclusão pela desigualdade no acesso, sendo que,

A disparidade entre os que têm e os que não têm Internet amplia ainda mais o hiato da desigualdade e da exclusão social, numa complexa interação que parece aumentar a distância entre a promessa da Era da Informação e a crua realidade na qual está imersa uma grande parte da população mundial.

(Castells, 2007, p. 187).

Se no início da expansão das tecnologias de informação o enfoque da fratura digital se poderia colocar no acesso a computadores e internet, mais tarde a fratura ou fosso digital deslocou-se para a questão da utilização adequada, criativa e reflexiva das tecnologias de informação como instrumentos privilegiados da interação entre o estado e os cidadãos através do *e-government*.

Esta utilização intensa e massiva dos meios digitais quer para trabalho, estudo e recreação, continua a produzir novos infoexcluídos tal como Castells refere, quando analisa dados dos EUA, constatando que a desigualdade no acesso à internet também se verifica na diferenciação étnica, isto é, a cor da pele ou cultura condicionam o acesso à internet, o que constitui uma infoexclusão étnica. A infoexclusão tem uma ligação muito nítida com a exclusão social, podendo cada uma ser causa e consequência da outra. E a exclusão social pode ser perspectivada entendida como “(...) situação de não inclusão, de não-inserção e/ou de não integração de determinados indivíduos ou grupos sociais no acesso ao gozo de determinados direitos, desde os cívico-políticos, passando pelos sociais, até aos direitos económicos.” (Silva, 2008: 270).

A exclusão social pode surgir devido também a fatores culturais. Nesta tipologia de exclusão social enquadram-se as diversas formas de racismo, assim como a xenofobia e algumas formas de nacionalismo, em que se inscrevem as minorias étnico-culturais, como por exemplo os ciganos, conforme nos indicam Bastos et al. (2007) “os ciganos portugueses se encontram numa situação multissecular de discriminação etnoracial perpetuada” (p.52).

No atual paradigma informacional (Castells, 1999), é necessário possuir competências que vão muito para além do domínio da leitura, da escrita e cálculo numérico. É, pois, necessário

possuir competências para lidar com sistemas digitais, como computadores, smartphones, tablets, e todos os diversos dispositivos digitais que permitam uma interação com os seres humanos. O conceito de literacia digital surge para dar conta destas novas necessidades com que se debatem os cidadãos de sociedades informacionais. De acordo com Glister (1997), “literacia digital” consiste na “habilidade de entender e utilizar a informação de múltiplos formatos e proveniente de diversas fontes quando apresentada por meio de computadores.” (p. 1). Para o autor existem quatro competências fundamentais para o exercício de literacia digital: pesquisas na Internet; navegação no hipertexto; construção (montagem) do conhecimento e avaliação de conteúdo. A rápida e constante inovação do sector da eletrónica e telecomunicações tem vindo a forçar o conceito de literacia digital a ser cada vez mais amplo e abrangente por forma a abarcar também as necessárias e exigentes competências de utilização das tecnologias, uma vez que são cada vez mais as áreas e serviços a serem digitalizados.

No sentido de fundamentarmos a nossa investigação e tendo em consideração a população alvo do nosso estudo tomámos como referência teórica o mapa conceptual de Ala-Mutka (2011), para evidenciar a abrangência do conceito de literacia digital em relação a outras literacias, e também basear a construção do questionário nos domínios da literacia dos computadores; literacia da internet; literacia dos média e da informação. Neste mapa conceptual o centro é representado pelo conhecimento técnico como a utilização de computadores e aplicações de software. A literacia da internet representa as capacidades de utilizar e agir em ambientes em rede na web. Nesta configuração, a literacia digital é entendida como um conceito amplo que abrange os principais aspetos de todas literacias, sendo que é condição previa possuir competências para lidar com a tecnologia e a internet, que constituem as competências básicas.

2. A situação das pessoas Ciganas em um mundo preconceituoso

Estima-se que os ciganos tenham chegado a Portugal nos finais do século XV tendo esta data suporte nas referências a ciganos em diversas obras literárias. A referência a ciganos é explícita desde o século XVI, prova disso é o facto de em 1510 uma poesia de Luís da Silveira, ter sido incluída na obra *O Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, e em 1521 é editada a *Farsa das Ciganas* de Gil Vicente. Adolfo Coelho (1892) e Nunes (1996) fazem referência a estes documentos, como prova da presença dos ciganos em Portugal.

A permanência em território português dos ciganos faz deles o grupo étnico com o qual os portugueses mais tempo têm convivido e simultaneamente o grupo com que mantêm uma relação maior de hostilidade e conflitualidade do que resultou o isolamento e exclusão social. Para ilustrar esta situação é suficiente procurar nos limítrofes de algumas cidades os “acampamentos

de ciganos” e olhar as condições em que vivem: barracas, sem água, sem eletricidade, analfabetismo e desemprego (por exemplo, Évora, Beja, etc.).

Os mais de 500 anos de permanência em Portugal das pessoas ciganas revelam um penoso caminho de discriminação como ilustra Bastos et al., (2007) ao apresentar uma compilação de leis, regulamentos e decisões administrativas sobre os ciganos, desde 1526, que exercem forte coercividade física e cultural contra os ciganos. Os autores acrescentam ainda que “Que os portugueses «ciganos» que hoje conhecemos são o resultado direto da história violenta e até mesmo criminosa a que os submetemos...” (p.34)

Atualmente, parece existir um esforço para que as difíceis condições de vida das pessoas ciganas sejam tornadas visíveis para a sociedade maioritária. A nível nacional algumas políticas sociais, que não são exclusivas para as pessoas ciganas, trazem ao de cima o quanto falta fazer para minorar os maiores problemas com que os ciganos se debatem: habitação; educação e emprego, para além da forte rejeição da população maioritária.

De facto, a maioria dos portugueses tem uma representação social negativa da pessoa cigana, expressões como “Um olho no burro outro no cigano”; “casa de ciganos” ou “cheira a cigano” (Medinas, 2018: p. 61). Também para Liégeois, (1989) “Na maior parte dos países, o termo utilizado para designar em comum ciganos e itinerantes é pejorativo e, por si só, portador de toda a negatividade da imagem (...)” (p. 138).

Tradicionalmente, a cultura cigana é considerada como uma cultura agraça, transmitida oralmente e por uma língua cada vez menos utilizada (Nunes, 1996). É nas atitudes aprendidas durante a socialização na infância, que é construída aos poucos a identidade pessoal dos indivíduos e do grupo a que pertencem. A cultura cigana tem sido sujeita a um processo de aculturação, ou seja, uma mudança cultural motivada pelo contato com outras culturas, originando uma reação de mudança face à cultura maioritária. A este processo a que as pessoas são sujeitas, numa reação à mudança cultural no contacto com outras culturas, é definido como aculturação.

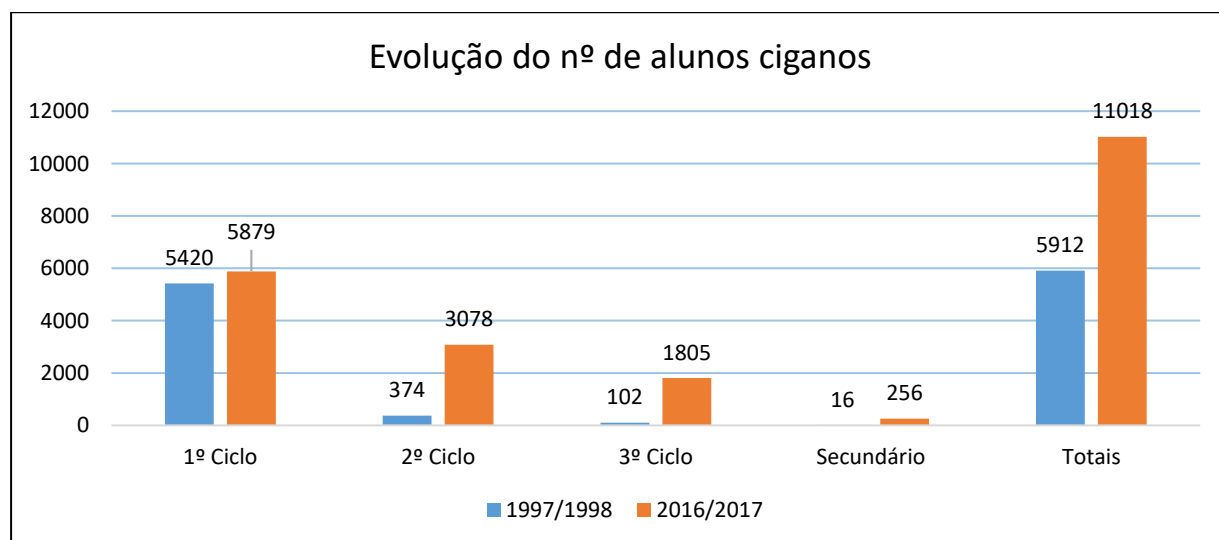
Berry desenvolveu um modelo de aculturação (referido por Neto, 2004) tendo como base duas dimensões de aculturação (bidimensional). Numa das dimensões é dado maior ênfase à importância da conservação da identidade e as características culturais, na outra dimensão é dada maior ênfase à importância de procurar estabelecer e manter relações com os outros grupos da sociedade. O autor, tendo como suporte este modelo bidimensional, desenvolveu 4 possíveis estratégias ou atitudes de aculturação: 1) Assimilação, quando indivíduos e grupos, aceitam e absorvem os valores culturais da cultura de acolhimento; 2) A separação: indivíduos e grupos aderem aos valores da sua cultura de origem, em detrimento à aceitação da cultura de acolhimento. 3) A integração: indivíduos ou grupos aceitam e aderem aos valores e normas culturais

de ambas as culturas; 4) Marginalização: em que o indivíduo ou grupo não aceita nem adere aos valores de nenhuma das culturas, nem de origem nem de acolhimento.

Em face deste conceito, a estratégia seguida pelos ciganos em Portugal parece-nos ter sido a separação, no entanto, as culturas não são estáticas e vão recebendo influências. Recentemente temos muitas pessoas ciganas que estão integradas, o que nesta estratégia de aculturação significa que aceitam e aderem aos valores e normas culturais da sua cultura de origem e que aceitam também a cultura e valores da sociedade maioritária. Magano (2010), refere que as pessoas ciganas não são todas iguais e não podem ser consideradas de forma homogénea. Há pessoas ciganas escolarizadas e com exercício de profissões diferentes das tradicionalmente imputadas aos ciganos.

A integração das pessoas ciganas é um processo que decorre em Portugal há pelo menos 500 anos, perante uma “sociedade que os quer assimilar e que apresenta características inversas: individualismo, capitalização, previsão, sedentariedade, uniformidade, competitividade, dependência, etc.”. (Liégeois, 1989, p. 86). Adolfo Coelho refere que “Há quatro preceitos na lei cigana, que todos procuram cumprir integralmente: respeito à palavra dada entre os da sua raça, amor extremo aos filhos, fidelidade conjugal, respeito pelos velhos. E poderíamos acrescentar: a fraternidade e solidariedade, e a guarda da virgindade, nas raparigas solteiras” (referido por Nunes, 1996:140). De acordo com o autor, os ciganos, ao longo dos séculos adaptaram a sua forma de vida de acordo com as oportunidades que o ritmo da evolução social e económica da sociedade maioritária lhes permitia. As suas atividades tradicionais têm vindo a ser extintas, como por exemplo as atividades de artesanato e atividades de venda e trocas de animais em feiras. A venda de tecidos a metro evoluiu para roupas prontas nos diversos mercados em vilas e cidades cada vez menos frequentados o que cada vez mais empurra estas pessoas para as fronteiras limiares da inatividade e dependência dos subsídios estatais. Toda esta rápida transformação traz ao de cima a falta de competências de literacia e aptidões profissionais cuja consequência, a par com o racismo da sociedade maioritária, é a ausência de trabalho (leia-se emprego) para as pessoas ciganas e a que o Estado não tem sido capaz de responder (Pereira, 2016). Sobram, para os que os conseguem, alguns trabalhos sazonais em Portugal e Espanha na apanha da azeitona, vindimas, morangos, peras ou cerejas, até que a mecanização cada vez mais utilizada o permita.

Apesar da persistência de baixa escolaridade entre as pessoas ciganas, verifica-se que em relação aos últimos 20 anos, duplicou o número de estudantes ciganos na escola obrigatória, como podemos ver pelo Gráfico 1.

Gráfico 1. Evolução de Ciganos matriculados em escolas de Reguengos de Monsaraz

Fonte: Medinas, 2018

A comparação representada no gráfico 1 resulta da recolha de dados realizada pelo Ministério da Educação através de questionário eletrónico a todos os estabelecimentos de ensino no ano letivo 2016/2017 que foram comparados com o questionário anterior realizado no ano letivo de 1997/98. Os resultados obtidos demonstraram um incremento assinalável do número de estudantes ciganos a frequentar a escola. De 5912 alunos em 1998 passaram para 11018 em 2016/2017. Apesar de insuficiente, o número de alunos ciganos a frequentar a escola indica que “A mudança está a acontecer, ainda que devagarinho, dentro da população cigana portuguesa.” (A. C. Pereira, 2018), sendo visível uma diferença geracional, em que os mais jovens são mais escolarizados do que as gerações anteriores (Mendes et al. 2014; Magano e Mendes, 2016).

3. Metodologia

Para a realização desta investigação foi adotada uma metodologia mista com a aplicação de um inquérito por questionário constituído por 62 perguntas e aplicado a 98 inquiridos ciganos residentes no concelho de Reguengos de Monsaraz. Para a análise estatística do questionário recorreremos ao programa de análise estatística SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*, no qual foram codificadas 240 variáveis.

Aplicou-se também uma entrevista semiestruturada a quatro técnicos cuja atividade profissional no concelho se cruza com pessoas ciganas. As entrevistas foram posteriormente transcritas e analisadas pelo método de análise de conteúdo de Bardin. Utilizamos também a análise documental, ao pesquisar os livros de atas das reuniões de câmara do Município de Reguengos

de Monsaraz, procurando identificar movimentações dos cidadãos Reguenguenses relativamente às pessoas ciganas. Fizemos também uma pesquisa bibliográfica inerente aos temas principais da nossa investigação – A Literacia Digital e as Pessoas Ciganas. Ainda sob a metodologia qualitativa surge a observação, como técnica que resulta do contacto do investigador com os entrevistados que na nossa investigação ocorreu aquando da aplicação dos questionários diretamente aos 98 inquiridos ciganos e também aos entrevistados não ciganos.

O nosso trabalho de campo decorreu entre setembro e outubro de 2017, tendo como suporte o contacto com uma pessoa cigana residente no Bairro da Pedra Escorregadia, que no lugar da sua residência amigavelmente nos recebeu e permitiu uma melhor aproximação à restante população.

4. Ciganos de Reguengos de Monsaraz: caracterização sociodemográfica

A maioria das pessoas ciganas de Reguengos de Monsaraz vive num local que se chama o Bairro da Pedra Escorregadia, conhecido pelo “Bairro dos Ciganos”. Este bairro nasceu da necessidade de realojar as famílias ciganas que se encontravam acampadas em terrenos na periferia da cidade. A pressão urbanística e as queixas contra os ciganos, apresentadas nas reuniões da câmara municipal, levaram a que o município encontrasse um local para instalar essas pessoas. Os locais de residência das pessoas ciganas em Portugal são, na maioria das vezes, situados fora das povoações ou em zonas periféricas pouco qualificadas urbanisticamente, não sendo exceção nesta cidade.

O “bairro dos ciganos” encontra-se localizado no extremo exterior da zona industrial e é uma área desqualificada, do ponto de vista de equipamentos urbanos e sociais: sem acesso para entrada de viaturas através da estrada municipal, sem indicação nem sinalização de passagem de peões, não existe parque infantil ou outro equipamento de carácter social ou comercial, residem em contentores a que chamam habitações que são térreos e têm problemas de infiltrações - existem 14 “casas pré-fabricadas” e 14 barracas clandestinas.

Os inquiridos são bastante jovens verificando-se uma forte concentração nos grupos etários até aos 34 anos. Nessas faixas etárias encontramos 75,5% dos inquiridos. O casamento ocorre em idades muito precoces, no grupo de inquiridos, obtivemos para os homens em média a idade de 18 anos e para as mulheres aos 16 anos, não obstante existirem casamentos com raparigas de 14 anos. As mulheres ciganas de Reguengos de Monsaraz são mães, em média, aos 18,6 anos, contrastando com as restantes portuguesas que são mães pela primeira vez aos 30,3 anos (Pordata, 2018).

No que se refere à habitação, a maioria das pessoas ciganas vive em casas pré-fabricadas e barracas em péssimas condições, mesmo as casas do tipo clássica necessitam de obras e reparações. 53% dos inquiridos refere problemas na zona onde vive: a drenagem de águas é referida por 39 pessoas; outros inquiridos salientam a ausência de parque infantil para as crianças que ali vivem (36 inquiridos); a ausência de sinalização de passagem de peões na única travessia de estrada é referida por 29 inquiridos; outros 29 salientam a presença de maus cheiros oriundos do matadouro que se encontra paredes meias com o Bairro da Pedra Escorregadia. Referidos com menos frequência, são identificados como problemas a ausência de contentores do lixo, 8 casos; a falta de acessos com 7 casos e 1 caso refere a ausência de comércio na zona.

Relativamente ao trabalho, os inquiridos que não se encontram na situação de estudantes, estão desempregados. Dos 75 respondentes adultos, apenas 5 responderam que não recebiam qualquer apoio financeiro, os restantes dependem do Rendimento Social de Inserção (RSI). Apesar de dependerem do RSI muitas pessoas ciganas para a sua sobrevivência, algumas vão fazendo trabalhos sazonais mas que são cada vez mais escassos, devido à mecanização das vindimas e da apanha mecânica da azeitona. Estas pessoas deparam-se cada vez com mais dificuldades de acesso a atividades remuneradas, comprovando que também neste contexto geográfico “ninguém dá emprego aos ciganos”, tal como salientado por Pereira (2016). A dificuldade em exercer uma atividade remunerada não permite aos inquiridos prescindir da prestação do RSI uma vez que só com um trabalho minimamente estável, vontade que algumas pessoas ciganas nos transmitiram, seria possível prescindir desse apoio para a sobrevivência do dia-a-dia.

5. Iliteracias literárias, profissionais e digitais

De acordo com o Estudo Nacional sobre as Comunidades Ciganas (Mendes, Magano, & Candeias, 2014) cerca de 30% da população cigana não tem o 1º ciclo completo, nem nunca frequentara a escola. Muitas são as causas desta situação, que vão desde as questões culturais às situações impostas de forma visível ou invisível pela sociedade maioritária. Muitas raparigas são retiradas do ambiente escolar quando é atingida a puberdade para tratarem da casa, casarem ou simplesmente para não conviverem de perto com os não ciganos. Quase 40% dos inquiridos não sabe ler nem escrever e muitos dos que sabem, fazem-no mal. Os rapazes ciganos abandonam a escola por esta não constituir um objetivo de vida e não a veem como um fator de acesso a uma vida melhor e de inclusão. Noutros casos o abandono deve-se ao início de uma vida de adulto junto da família (uniões conjugais precoces). O aumento do nº de alunos ciganos nas escolas surge, não só pela aplicação de políticas públicas, como por exemplo na sequência da

exigência nos critérios de atribuição do RSI, cujos planos de inserção implicam a realização de escolarização e de formação profissional por parte de quem não a detém, mas tal como o Estudo Nacional sobre as Comunidades Ciganas (Mendes et al., 2014) e outros estudos (Magano e Mendes, 2016) revelam, existem mudanças sociais nos hábitos das pessoas ciganas, nomeadamente um maior interesse pela escola e pelo cumprimento da escolaridade obrigatória, assim como uma maior frequência de creches e jardins-de-infância, sendo que as crianças e jovens frequentam a escola massivamente no 1º ciclo, aumentando o absentismo e abandono escolar a partir do 2º e 3º ciclo de escolaridade e diminuem as matrículas significativamente no ensino secundário (ver dados da DGEEC).

A população alvo do nosso estudo apresenta um elevado nível de analfabetismo, dos 98 inquiridos, 38% (37 indivíduos) não sabem ler nem escrever e 62% (61 indivíduos) responderam que sabiam ler e escrever. No grupo de pessoas que não sabem ler nem escrever, verificou-se a existência de diferenças de género significativas, pois são as mulheres quem em maior número não sabem ler nem escrever com o valor de 68%, ao passo que os homens representam 32% do grupo. Relativamente às pessoas que sabem ler e escrever essa diferença de género não é significativa, sendo 48% de mulheres e 52% homens. Apenas as gerações mais novas até ao grupo etário 30-34 anos sabem ler e escrever, nos grupos etários de idades superiores apenas 1 pessoa diz saber ler e escrever, o que demonstra claramente a desvalorização dada à escolaridade.

Dos 98 inquiridos, 52 frequentaram a escola, 39 (75%) abandonaram os estudos antes de terminarem o ano letivo que frequentavam. Constatámos que a maioria dos abandonos escolares ocorreu no 1º ciclo de estudos com uma percentagem de abandono de 83%. O ciclo de estudos que frequentaram de maior nível foi o 3º ciclo, nenhum dos inquiridos frequentou o ensino secundário nem o universitário. No geral, a percentagem de abandono foi de 75%.

Os trabalhos tradicionalmente realizados por ciganos, como a criação e comercialização de gado muar, venda de tecidos, vendas nos mercados e feiras ou cestaria, encontram-se praticamente extintos ou em vias de desaparecerem completamente. Os fatores, baixas competências profissionais e a extinção das atividades tradicionais, conjugam-se para empurrarem as pessoas ciganas para um maior isolamento relativamente ao mundo do trabalho, remetendo-os para a situação de desempregados o que para os nossos inquiridos se verificou na totalidade.

6. O acesso e uso de equipamentos tecnológicos digitais

Os resultados obtidos no estudo mostram que dos 98 inquiridos, 50 possuem telemóveis e 48 não. Dos que responderam positivamente, 34 são Smartphones com acesso à internet, 12 são

telemóveis simples e 2 são Smartphones sem acesso à internet. Os inquiridos que não possuem telemóveis são maioritariamente constituídos por mulheres. Atendendo a que em Portugal existiam em 2016, 19.927.577 equipamentos de utilizadores do serviço móvel (Pordata, 2018), o grupo estudado está percentualmente abaixo do valor nacional que é superior a 90%.

Relativamente a equipamentos informáticos, dos 98 inquiridos apenas 15 dizem possuir computadores, o que ilustra claramente uma situação de “fratura digital” na posse e consequentemente utilização frequente de computadores. No entanto, não ter um computador na habitação não significa que as pessoas ciganas não utilizem computadores. Dos 98 inquiridos, 51 dos casos afirmam já terem utilizado um computador para realizar alguma tarefa. Os locais de acesso a computadores são: Os Espaços Internet do concelho de Reguengos de Monsaraz são referidos por 36 inquiridos; o Programa Escolhas através do Centro de Inclusão Digital é referido por 18; a escola com 15 casos, o sendo único local onde alguns inquiridos disseram ter tido acesso a um computador. Em casa são 15 os inquiridos que dizem ter acesso a computador. Os espaços de acesso público a computadores (Espaços Internet e CID) são a única oportunidade de acesso às tecnologias por parte de algumas pessoas ciganas.

Para se perceber o domínio da linguagem informática e digital criámos um grupo de palavras com termos genéricos amplamente utilizados nas tecnologias de informação, relativos a hardware, sistemas operativos e software, para que os inquiridos pudessem indicar os termos de que conhecem o significado. No grupo de palavras relativas aos componentes físicos de um computador os inquiridos que utilizam computadores, 32 conhecem a expressão “wifi”, 32 conhecem o termo “formatar”, 22 sabem o que é um “disco”, 10 inquiridos conhecem o termo “Ram”, apenas 6 reconhecem o principal componente de um computador a “motherboard” e apenas 3 dizem saber o que significa “RJ45”. Relativamente a sistemas operativos, denunciam pelas frequências da resposta um conhecimento muito vago de computadores pois apenas 20 dos inquiridos referem conhecer o termo “Windows” que é o sistema operativo mais utilizado no mundo, e apenas 3 dizem conhecer o termo “Linux” que é um sistema operativo “Open Source” de utilização livre sendo muito utilizado em servidores.

No grupo de palavras destinado à percepção do conhecimento de *software* de utilização generalizada, instalado em praticamente todos os computadores pessoais, verificámos que o termo “email” é o mais conhecido, sendo referido 45 vezes, seguindo-se o termo “antivírus” referido 29 vezes. Os programas de produtividade do pacote “Office” são pouco conhecidos pelos Reguenguenses ciganos, pois apenas o “Power Point” e o Word são referidos 14 vezes, o “Acess” e “Excel” apenas 7. O “Movie Maker” é um *software* gratuito nativo de todas as versões Windows antes da versão 10, é referido apenas por 7 inquiridos. O termo “browser” que se refere a

um *software* que permite aceder e fazer pesquisas na internet, é utilizado por todos os inquiridos que utilizam computadores, mas o conhecimento do conceito é referido somente por 5 pessoas.

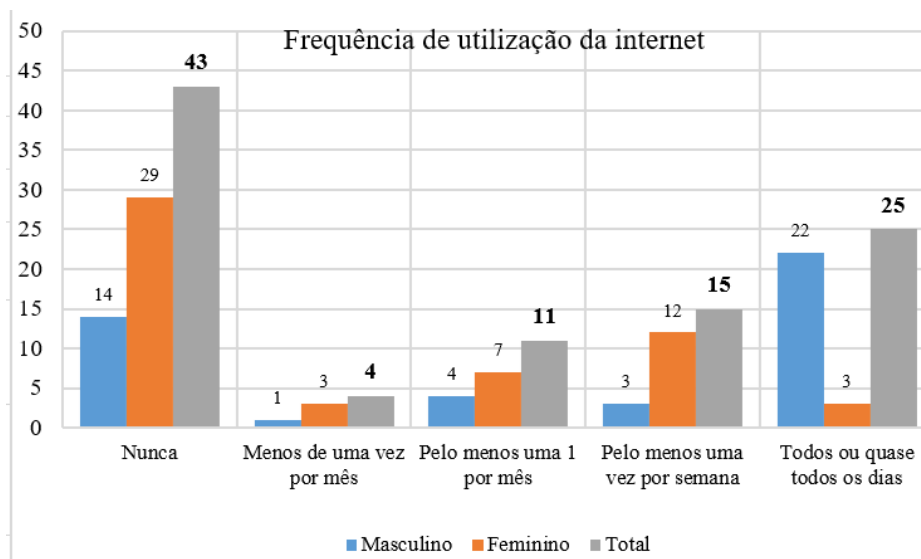
Com o último grupo de palavras pretendemos conhecer se os nossos inquiridos tinham familiaridade com alguns suportes de dados e palavras vulgarmente utilizadas em vários equipamentos tecnológicos. Neste grupo o DVD foi o mais referido com 51 inquiridos, seguindo-se o CD com 41, depois, Pen com 39. A palavra rede e *password* foram referidas 36 vezes. As expressões mais conhecidas dos inquiridos são as mais generalistas referindo-se a objetos físicos com os DVDs, CDs ou PenDrive, suportes de dados utilizados em diversos equipamentos tecnológicos. Termos relativos a *software* e *hardware* são pouco conhecidos dos inquiridos. A baixa familiaridade com conceitos básicos relacionados com a utilização de computadores indicia uma utilização incipiente e baseada em atos mecânicos e repetitivos, não alicerçados em conhecimentos técnicos mínimos.

De uma maneira geral chamamos internet à *World Wide Web*, criada em novembro de 1990 por Timothy John Berners-Lee, físico britânico (Castells, 1999). O criador da web desenvolveu o primeiro *browser* ou navegador, trata-se de uma ferramenta de software que permite a visualização das páginas web. É através do browser ou navegador que indicamos ao computador as páginas que pretendemos consultar (ex: www.sapo.pt).

A *World Wide Web* mais conhecida por *www* ou *web*, é um sistema de documentos alojados em diversos computadores em hipertexto, ou seja, textos que contêm links que podem levar à consulta de outros documentos noutra zona do documento ou direcionar o cibernauta para um computador em qualquer outro lado do mundo.

Os nossos inquiridos, quando questionados se já tinham ouvido falar da internet 60,2%, indicam ouvir falar muitas vezes, 37,8% dizem ter ouvido falar algumas vezes, do que concluímos que a esmagadora maioria dos inquiridos ouve falar da internet.

Relativamente à frequência (gráfico 2) com que usam a internet, 25 inquiridos afirmam utilizar a Internet todos ou quase todos os dias, sendo que 15 dizem fazê-lo pelo menos uma vez por semana e 11 pelo menos uma vez por mês mas 4 inquiridos dizem utilizar a Internet menos de uma vez por mês e 43 afirmam nunca utilizar a internet.

Gráfico 2: Frequência de utilização da Internet

Fonte: Medinas, 2018

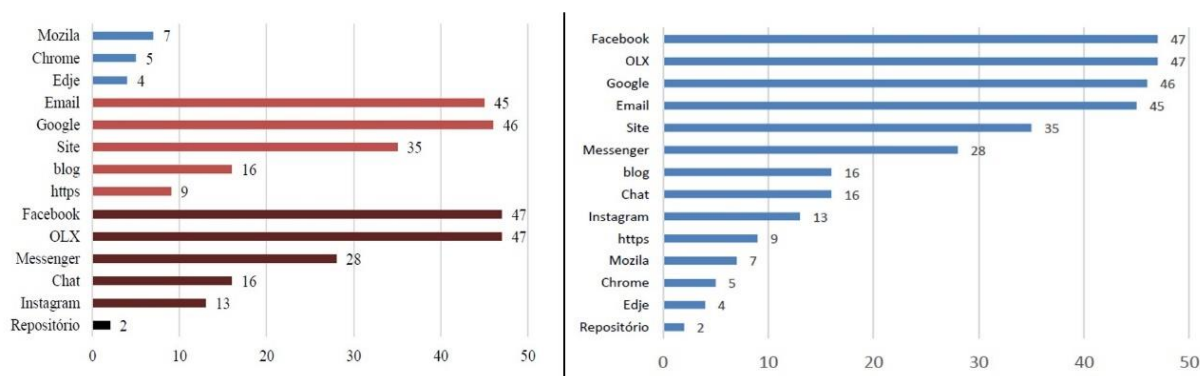
Os participantes no estudo que dizem nunca utilizar a internet são a maioria dos inquiridos. Se juntarmos a este grupo as pessoas que raramente o fazem, como é o caso dos que a utilizam menos de uma vez por mês ou uma vez por mês, constatamos que cerca de 60% dos inquiridos não utiliza a internet.

No que se refere à diferenciação de género, as mulheres ciganas são excluídas de forma multidimensional da vida social e económica, sofrendo discriminação interseccional onde ser mulher e ser cigana se conjugam para múltiplas formas de discriminação de etnicidade e género (Magano, 2017). Esta diferença de género no acesso às tecnologias e à sua utilização é evidenciado.

Trabalhámos ainda os resultados da utilização da internet por grupos etários que foram comparados com os valores para o país constatando-se que existe uma profunda fratura digital entre a sociedade maioritária e a dos excluídos e subalternos. O grupo etário do 15 aos 24 anos apresenta 59% de utilizadores de internet enquanto o valor nacional obtido no Pordata é de 99%, o grupo etário dos 25 aos 34 anos nos ciganos inquiridos apresenta 50% contra os 97% nacionais. A partir deste grupo etário, entre os mais velhos, nenhum dos nossos inquiridos é utilizador da internet, situação que também vai de encontro ao elevado nível de analfabetismo coincidente com a não utilização da internet.

Gráfico 3. Expressões conhecidas sobre uso de Internet

Expressões conhecidas sobre Internet



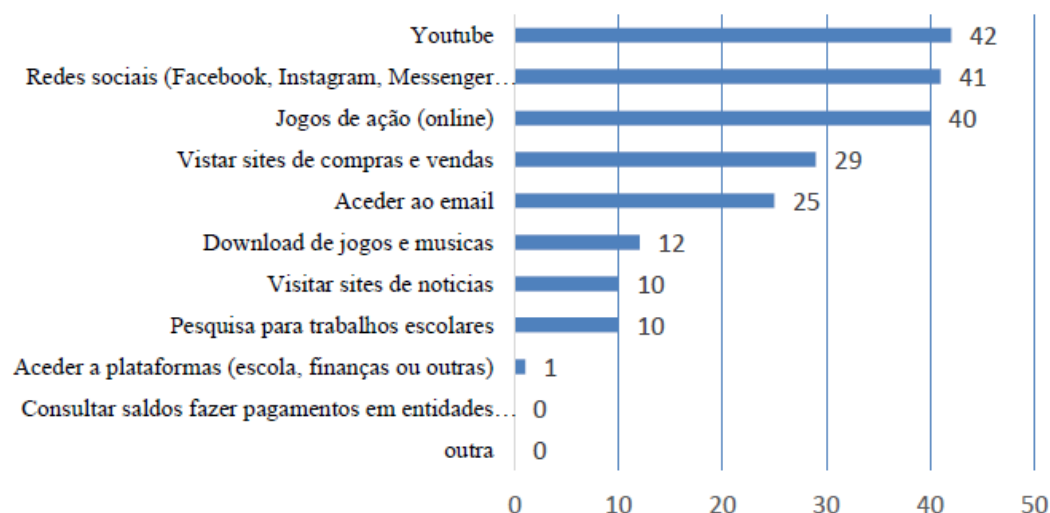
Fonte: Medinas, 2018

Procurámos conhecer a familiaridade que os residentes ciganos em Reguengos de Monsaraz tem sobre termos usados frequentemente relativamente à internet (gráfico 3). Da lista de termos escolhidos dividimo-los em grupos: *browsers*, termos genéricos da internet e redes sociais. Colocámos ainda um termo usado menos frequentemente, “repositório”, tentando perceber se algum dos inquiridos tinha alguma experiência em *download* e *upload* de ficheiros. Os resultados obtidos mostram que os inquiridos embora possam utilizar *browsers* diferentes, não os sabem identificar nem reconhecer como sendo um *software* específico para o acesso à *internet*. Dos 55 inquiridos que disseram utilizar a *internet* 7 dizem que conhecem o *Mozilla*, 5 conhecem o *Chrome* e 4 conhecem o *Edje*. No grupo de termos genéricos, a palavra “Google” é conhecida de 47 dos nossos inquiridos, devido principalmente por ser a *homepage* da maioria dos computadores utilizados nos espaços de acesso público à internet. Segue-se o termo “email” com 45, depois o termo “site” com 35, “blog” com 16 e “HTTPS” sigla em inglês de *Hyper Text Transfer Protocol Secure*, que em português significa “Protocolo de Transferência de Hipertexto Seguro” com 9 inquiridos. Nas redes sociais, o termo “Facebook” é o mais conhecido dos inquiridos sendo referido por 47 pessoas. O “Messenger” é referido por 28 e o termo “chat” por 16. Neste grupo englobamos o site “OLX” que revelou a par do Facebook ser a expressão mais conhecida dos nossos inquiridos.

Colocando no gráfico os resultados obtidos por ordem decrescente constatamos que os inquiridos dizem conhecer termos que já entraram conhecimento geral e que correspondem também aos termos utilizados pelos inquiridos na sua relação com as tecnologias digitais, tais como *Facebook*, *Olx*, *Google*, *email*, *site* e *Messenger*. Inquirimos ainda sobre os *sites* que visitavam quando estavam na web.

Gráfico 4: Finalidades de uso de Internet

Utilização da Internet



Fonte: Medinas, 2018

Da lista de opções disponível é o *Youtube* o site mais visitado pelos inquiridos, seguem-se as redes sociais, depois os jogos e em seguida surgem os sites de compras e vendas, consultar o *email*, depois com o mesmo número de inquiridos a referirem o download de jogos e música e a pesquisa para trabalhos escolares. Os *sites* com características de serviços online onde é necessária uma interação com instituições, não são conhecidos ou não são utilizadas pelos nossos inquiridos (gráfico 4).

A metodologia mista que aplicámos no nosso estudo permitiu-nos não só a confirmação dos resultados obtidos pelo inquérito por questionário, mas também proporcionou outras leituras das atividades efetuadas *online* pelos inquiridos, que não teriam sido possíveis exclusivamente pelos questionários.

É o caso dos utilizadores das plataformas online de compras e vendas, que as utilizam como substituição dos meios tradicionais de comércio presenciais, ou seja, as pessoas ciganas apesar das suas dificuldades encontram no ciberespaço um meio de perpetuar as suas formas de ocupação tradicionais, como é relatado pelos entrevistados. Os monitores dos espaços internet percebem que os utilizadores procuram nos sites de compras e vendas, concretizar diversos negócios que lhes permita obter algum rendimento, tais como a compra e venda de viaturas. Para as raparigas o interesse negocial é relativo a produtos de beleza e saúde. As diferenças geracionais também são perceptíveis no tipo de pesquisas que fazem. Os entrevistados observam que os homens adultos têm um grande interesse pelo tema “automóveis” quer para negociação quer para observação e características técnicas. Os rapazes têm especial interesse por jogos, o

Facebook e a música. As raparigas ciganas, por sua vez, o que mais procuram são produtos de beleza, maquilhagem, pinturas, e utilizam o Youtube para fazer essas visualizações.

Apenas 15 inquiridos possuem computador próprio, mas são 51 os que dizem já ter utilizado um computador pelo menos uma vez e 40 inquiridos utilizam regularmente a internet. Os locais onde têm acesso e utilizam a internet são para a maior parte dos inquiridos os espaços públicos de acesso à internet: os Espaços Internet e o espaço CID (Centro de Inclusão Digital) do Programa Escolhas³. São nestes locais que os ciganos jovens e menos jovens têm acesso livre e gratuito aos equipamentos e internet, sendo também nestes locais que são visíveis algumas fragilidades dos utilizadores referidas pelos entrevistados. Os mais referidos foram: ligar e encerrar adequadamente os computadores, aceder e pesquisar na internet, fazer impressão de documentos, enviar, receber e interpretar *emails*.

Os locais públicos de acesso livre à internet são têm utilização igual por homens e mulheres, as diferenças de género mantêm-se também no acesso ao mundo digital. A liberdade das raparigas é menor que a dos rapazes, as restrições vão desde o acesso ao próprio espaço até ao acesso do *Facebook*. Os entrevistados referiram que os rapazes têm liberdade em frequentar os espaços internet sem restrições, mas as raparigas não têm essa liberdade de ação,

E1- (...) eu noto é que os pais não deixam que as filhas, meninas irem ao espaço internet, vão sempre às escondidas, principalmente do pai, a mãe deixa.

(Mulher, 56 anos)

Discriminação, preconceito e racismo estão em todo o lado e são também detetados pelos entrevistados nos Espaços Internet, relatando que quando utentes ciganos frequentam e utilizam os espaços internet, os não ciganos deixam de utilizar esses espaços. Este abandono do espaço que é pública e de livre acesso pode ser assim transformado num espaço de segregação por ação racista.

E1- Se às vezes vão lá pessoas, veem ciganos, e voltam para trás. E pronto, não querem estar ao pé deles (...) chegam lá, veem que há ciganos, não querem. Não querem. E pronto. (...) eles não querem estar com os ciganos! É muito triste, é uma discriminação que não devia haver (...) mas realmente se chegar lá alguém e vir os ciganos, voltam as costas.

(Mulher, 56 anos)

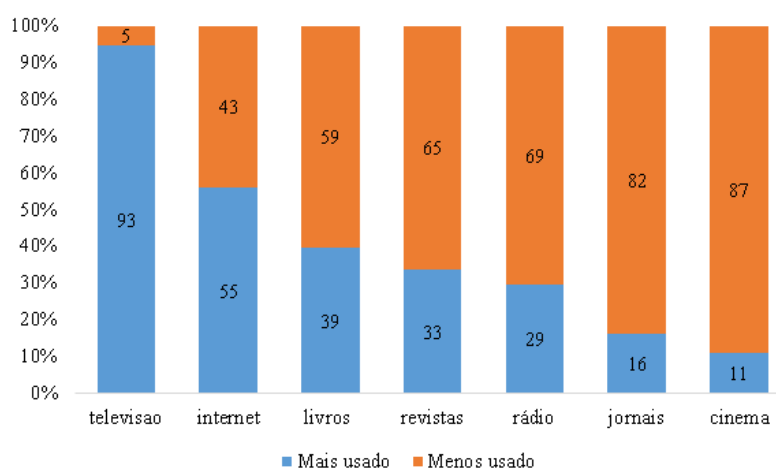
³ O Escolhas é um programa governamental de âmbito nacional, criado em 2001, promovido pela Presidência do Conselho de Ministros e integrado no Alto Comissariado para as Migrações – ACM, IP, cuja missão é promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis, visando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social. (<https://www.programaescolhas.pt/apresentacao>)

As baixas competências de leitura e escrita constatadas no estudo quantitativo pela maior parte dos inquiridos, é confirmada pelas dificuldades sentidas pelos utilizadores dos Espaços Internet, que relatam que muitos utilizadores “mal sabem escrever o nome” e têm muitas dificuldades em ler e interpretar qualquer texto, tornando por exemplo a criação de um texto para um *email* uma tarefa para a qual precisam de ajuda.

De acordo com Gilster, literacia digital consiste na “habilidade de entender e utilizar a informação de múltiplos formatos e proveniente de diversas fontes quando apresentada por meio de computadores.” (Gilster, 1997: 1), pressupõe que a informação apresentada através de computadores e da internet deve ser compreendida e utilizada de uma forma consciente e crítica. A abissal quantidade de informação que chega aos internautas deve ser necessariamente escrutinada e criticamente reflexiva, conhecendo as fontes de informação, validando conteúdos e confirmando-os em diversos *sites*. O conceito definido por Gilster privilegia um pensamento crítico, como a avaliação crítica dos conteúdos da internet e não tanto as competências técnicas de manuseamento dos equipamentos.

A internet é aberta ao mundo, mas não acessível a todos os seus habitantes (Sanou, 2016), é uma rede de redes onde os utilizadores podem colocar conteúdos e interagirem uns com os outros, formando uma rede umbilicada de nós e de relações, espelhando a sociedade mundial. Como tal, também existem lados obscuros, falamos da criminalidade informática, da manipulação e informação errada ou *fake news*. Os nossos inquiridos consideram que a veracidade da informação vinda da internet depende do site consultado (53%), mas 27% consideram que tudo o que está na internet é confiável, 11% não confiam na informação da internet e 9% consideram que a informação deve ser validada noutros sites e por diferentes autores. Não será alheio a esta postura as notícias diárias amplamente difundidas nos média relatando fraudes informáticas.

Procurámos também saber se os nossos inquiridos tinham o hábito saber as notícias diárias. Dos 61 inquiridos que dizem saber ler e escrever, 38 dizem não ler jornais e 15 inquiridos dizem consultar os jornais online e 8 inquiridos dizem ler o jornal impresso. O elevado analfabetismo dos inquiridos, agravado pela falta de hábitos de leitura continua a ser um fator de distanciamento da sociedade maioritária, sociedade onde a informação é o motor que alavanca essa mesma sociedade.

Gráfico 5: Utilização dos Média

Fonte: Medinas, 2018

Os meios de comunicação social (gráfico 5) mais utilizados pelos inquiridos são a televisão (93) (só quem está de luto é que não vê televisão ou quem não tem eletricidade); em segundo lugar, surge a utilização da internet, com 55 inquiridos a afirmá-lo; em todos os restantes itens como rádio, jornais impressos, revistas impressas, livros, cinema em sala, os inquiridos responderam maioritariamente que raramente ou nunca os utilizavam. O meio menos utilizado é a frequência de cinema em sala uma vez que 87 inquiridos responderam que não têm esse hábito. As redes sociais encontram-se em segundo lugar nas preferências dos nossos inquiridos na utilização da internet. Relativamente ao tipo de utilização e aos possíveis perigos de exposição que estas redes representam para crianças e jovens, os entrevistados permitiram-nos perceber que a exposição a que as crianças e jovens ciganos estão sujeitos, é um tanto mitigada pelo facto da maioria do círculo de “amizades” se circunscrever a outros jovens ciganos e a outras pessoas que conhecem.

Se as interações pessoais nas redes sociais devem ser de facto realizadas em condições de segurança, pois os cibernautas podem escolher uma identidade ou muitas identidades para si próprios com possíveis fins criminosos, a informação guardada nos computadores e plataformas *online* deve ser salvaguardada, competindo a cada cibernauta proceder as essas ações de segurança. Nesse sentido, os inquiridos revelaram desconhecimento de regras mínimas de segurança e de proteção de dados pessoais. Os resultados obtidos sobre este tema resultam não só das respostas às questões colocadas, mas também do contato estabelecido com cada um dos inquiridos uma vez que os questionários foram preenchidos pelo próprio investigador. As percepções sobre as questões de segurança informática são também identificadas pelos entrevistados, que consideram que a maioria dos utilizadores não conhece minimamente regras de segurança informática nem cuidados de navegação na internet, nomeadamente a utilização de palavras

passa. A maioria dos inquiridos considera ser muito importante que os seus filhos saibam utilizar computadores e internet, 70,9% dos inquiridos têm perceção muito positiva acerca da utilização da internet, 26,6% têm perceção positiva, os dois grupos com perceção positiva perfazem 97,5% dos 79 respondentes.

Conclusão

A atual sociedade baseada no processamento da informação depara-se com a necessidade de aceder a computadores e de saber utilizá-los. As tecnologias digitais vieram trazer a muitas pessoas mais um fator de divisão e consequentemente de discriminação a camadas da população mais desfavorecida, a referida fratura digital, que coloca estas pessoas na situação de infoexclusão (Castells, 2007), quanto ao acesso à sociedade de informação e ferramentas digitais. No que se refere aos resultados desta investigação, para estes inquiridos esta situação de infoexclusão é mais uma forma de exclusão, colocando-os numa situação de múltipla exclusão, digital, social, económica, cultural, etc. A exclusão digital acontece pelo não acesso ao conhecimento e às novas tecnologias, a exclusão social e económica pela falta de acesso ao trabalho e ao rendimento, levando-os ao círculo vicioso da dependência do estado mas também a segregação espacial e relacional (Medinas, 2018). No entanto, os ciganos de Reguengos de Monsaraz têm a perceção que é necessário saber lidar com as tecnologias digitais, embora não tenham noção do que é possível fazer com a tecnologia: sabem que não saber estar nesse mundo digital é mais uma discriminação que se junta a outras.

Um dos espaços em que decorreu este estudo, o Bairro da Pedra Escorregadia é um bairro isolado, situado junto a uma estrada Municipal de Reguengos de Monsaraz à qual apenas existe acesso pedestre. Visitar o bairro é uma experiência de viagem no tempo, parecendo que recuamos dezenas de anos para um lugar que não é de um país civilizado do século XXI. A habitação é de forma geral degradada e desadequada à dimensão do agregado familiar, outros vivem em barracas sem eletricidade e água. Nenhum dos inquiridos tem um emprego, nem nunca teve, dependem do Rendimento Social de Inserção (RSI), situação preocupante pois trata-se de uma ou duas gerações que não têm qualquer experiência de trabalho, nem existem esses modelos de referência nas famílias, tal como acontece em outras localidades de Portugal (Santos, 2013; Pinto, 2017)

O grupo de inquiridos possui uma baixa escolarização (o nível de escolarização não ultrapassa o 9º ano e só uma pessoa o realizou) e o abandono escolar é de 75%. Com idade superior a 35 anos apenas uma pessoa sabe ler e escrever e nível de analfabetismo é de 38%. Poucas

peessoas possuem computadores, alguns procuram os espaços internet para acederem a computadores e à internet. Nestes espaços tratam de assuntos pessoais, lazer ou negócios. Mas depa-ram-se com muitas dificuldades no uso dos equipamentos informáticos mesmo para tarefas bá-sicas com relatam os monitores dos espaços internet.

Utilizam os computadores para acederem redes sociais e acervos de vídeos do Youtube, por parte dos inquiridos mais jovens. Os mais velhos veem-se confrontados com a necessidade de utilizar as tecnologias digitais para concretizar situações da vida quotidiana, esbarrando nas suas baixas competências de leitura e escrita.

Praticamente todos os inquiridos têm o hábito de ver televisão, seguindo-se a internet. Os meios audiovisuais cuja utilização exige a leitura são pouco ou nada utilizados. Nas redes so-ciais procuram manter as suas interações com pessoas ciganas conhecidas. A segurança de da-dos e equipamentos não é ainda uma preocupação para os internautas do grupo estudado.

O Olx (compras e vendas) é um dos sites mais utilizados pelos inquiridos indiciando uma eventual tentativa de mudança do espaço de negócio, de transações tradicionais em feiras e mercados para transações mediadas por meios digitais.

Os problemas habitacionais aliados a baixas competências de leitura e escrita assim como falta de competências profissionais condicionam as pessoas ciganas inquiridas em todos os as-petos da vida social, e que também afetam a sua literacia digital, que fica circunscrita a uma utilização básica e superficial, longe de poderem estabelecer interações com os diversos servi-ços municipais, governamentais, banca, educação ou outros que cada vez mais procuram en-cerrar espaços físicos e substitui-los por formas digitais de interação.

O quadro de vida em que estas pessoas residem exige uma intervenção pública através de políticas sociais estruturais que tenham impacto em dimensões como habitação, educação e emprego para que o grupo estudado possa aumentar o seu grau de “literacias” em igualdade de circunstâncias com a sociedade maioritária de modo a evitar novos cenários de exclusão.

Bibliografia

- Ala-Mutka, K. (2011). Mapping digital competence: towards a conceptual understanding. *Institute for Prospective Technological Studies*, 60. Obtido de <http://ipts.jrc.ec.europa.eu/publications/pub.cfm?id=4699>.
- ANACOM. (2016). O consumidor de comunicações eletrónicas 2015. (1-158).
- Bastos, J., Correia, A. C., & Rodrigues, E. (2007). *Sintrenses Ciganos - Uma abordagem estrutural-dinâmica*. Lisboa: CM de Sintra e ACIDI.
- Castells, M. (1999). A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. V 1 A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2007). *A galaxia da Internet* (2ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gilster, P. (1997). *Digital Literacy*. San Francisco, CA: John Willey & Sons.
- Liégeois, J. P. (1989). *Ciganos e Itinerantess: Dados socioculturais. Dados sociopolíticos*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Magano, O. (2010). *Tracejar vidas normais- Estudo qualitativo sobre a integração social de indivíduos de origem cigana na sociedade portuguesa*. (Tese de Doutoramento, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal).
- Magano, O. (2017). Mulheres Ciganas, Desigualdade de Género e Discriminação na Sociedade Portuguesa. In Sofia Neves e Dália Costa (Coord.) *Violências de Género*. Lisboa. Centro Interdisciplinar de Estudos de Género. Coleção estudos de Género. 153-187.
- Magano; O. e Mendes, M. M. (2016). «Constrangimentos e oportunidades para a continuidade e sucesso das pessoas Ciganas», *Configurações*, 18 | 2016, consultado a 26 de setembro. URL : <http://configuracoes.revues.org/3546>; DOI : 10.4000/configuracoes.3546. 8-26.
- Medinas, C. B. (2018). *Ciganos e Literacia Digital: Estudo de caso em Reguengos de Monsaraz* (Dissertação de Mestrado Universidade Aberta, Lisboa, Portugal). Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.2/7659>.
- Mendes, M., Magano, O., & Candeias, P. (2014). *Estudo nacional sobre as comunidades ciganas*. Lisboa: ACM.
- Neto, F. (2004). *Psicologia Social Aplicada*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nunes, O. (1996). *O Povo Cigano* (2.ª ed.). Edição do Autor de parceria com a Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos.
- Pereira, A. C. (2018, Abril 9). Em 19 anos duplicou o número de ciganos na escola obrigatória. *Público*. Obtido de <https://www.publico.pt/2018/04/09/sociedade/noticia/quase-duplicou-o-numero-de-alunos-ciganos-na-escola-obrigatoria-1808751>.

- Pereira, I. (2016). *Ninguém dá trabalho aos ciganos! - Estudo qualitativo sobre a (des)integração dos ciganos no mercado formal de emprego*. Dissertação de mestrado, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal.
- Pinto, P. C. S. (2017). *O Terceiro Bairro. Estudo qualitativo sobre o impacto do rendimento social de inserção nos modos de vida de pessoas ciganas*. Dissertação de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.
- Pordata. (2017). Taxa de analfabetismo segundo os Censos: total e por sexo. Obtido de <https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo-2517>.
- Pordata. (2018). N° telemóveis. Obtido 25 de Janeiro de 2018, de <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>.
- Sanou, B. (2016). ICT Facts and figures 2016. *ITU Telecommunication Development Bureau*, 1–8. Obtido de <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/ICTFactsFigures2016.pdf>.
- Santos, S. A. (2013). *O Rendimento Social de Inserção e os Beneficiários Ciganos: o caso do concelho de Faro*. Faro: Universidade do Algarve. Dissertação de Mestrado em Educação Social.
- Silva, M. C. (2008). Desigualdade, pobreza e exclusão: o caso português. in Torres A. e Batista L. (Org.). Em *Sociedades Contemporâneas: reflexividade e Ação*. Porto: Edições Afrontamento.